Legado Covarde

Por Luana Neinstein

É com louvor que anuncio
Amigos
Meus caros
Enfim superamos

Enfim superamos,
Meus caros
Seus amigos não somos
Mas por hora se encerram

Os anos de senhores
De senzala e caravana
Que por aqui se encontravam
Agora se perdem

Encontram-se aqui
De caravana à senzala
Os bravos senhores
Que por anos se escondem

E há anos revelam
De seus rasos buracos
A abatida escravidão
Da qual se alimentam

Alimenta-se Tu
É de proveito meu
Esse mero hábito
De fingir que não sou

Quem fecha o vidro do carro
Quando passa o mulato
E ser a moça de casa
Quem lava o prato

Onde quem come sou eu
Que deixo os restos
Logo eu?
Que vivo das sobras

Do passado prolongado
De uma história mal contada
Da criança abandonada
Muito antes do parto

Do negrinho desempregado
Porque não era branco
Não pardo
Era preto
Esculachado

Deve mesmo é caminhar sozinho
Servindo os senhores
Limpando suas pegadas
E seus podres odores